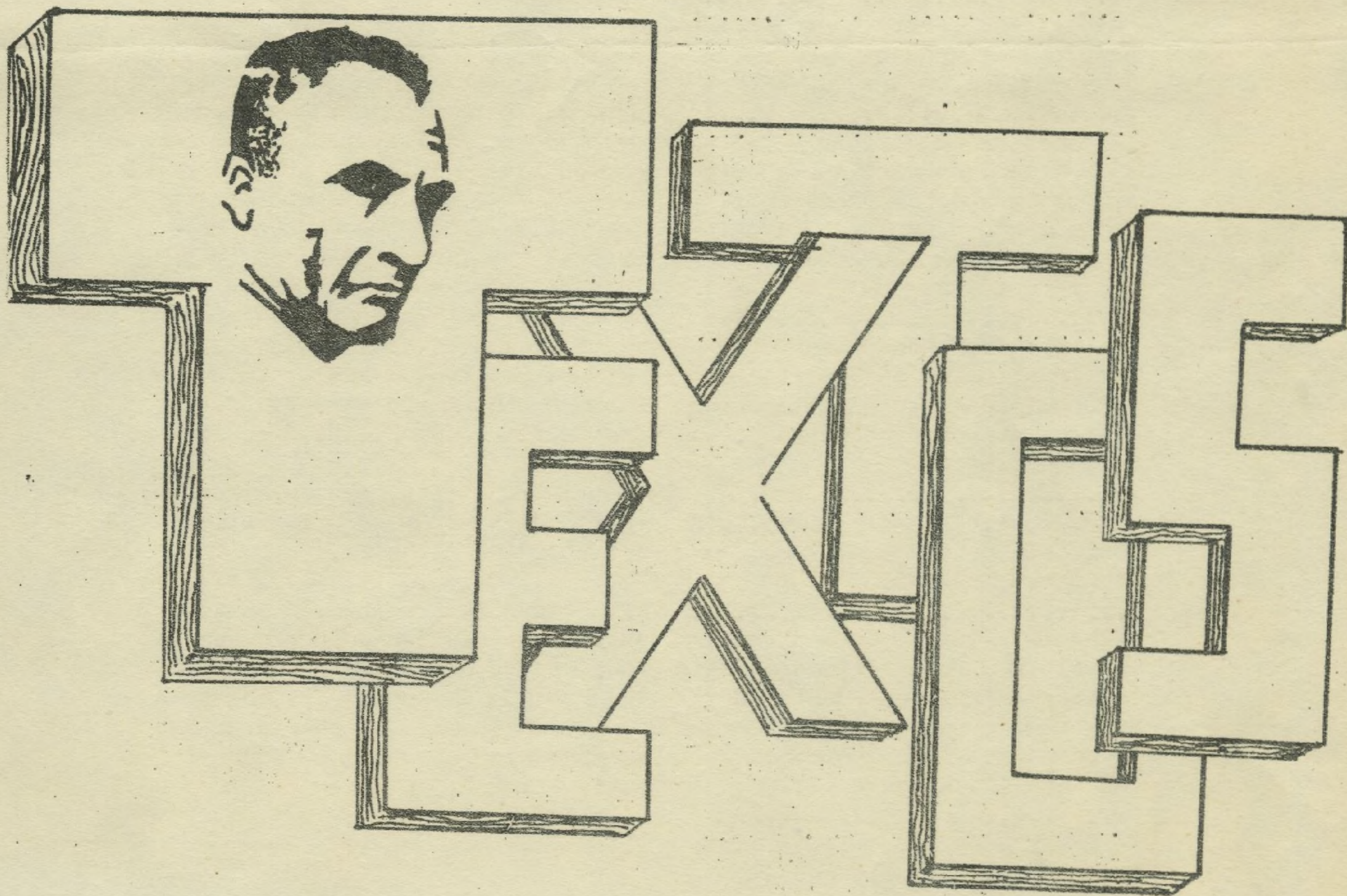




CARLOS  
MARRIGHELLA





CARLOS MARIGHELA

Carlos Marighela nasceu a 5 de Dezembro de 1911, em Salvador na Baía, filho de um emigrante italiano e de uma descendente de escravos africanos.

Assinalamos as datas e os factos mais marcantes do homem que fez da frase "o dever de todo o revolucionário é fazer a revolução" o lema da sua vida:

.....  
-1929: torna-se militante comunista quando cursava o 1º ano da Escola Politécnica de Salvador.

.....  
-1934: ingressa na Federação Vermelha de Estudantes.

.....  
-1935: vai para o Rio de Janeiro como membro da chamada "Comissão Especial" do Comité Central do Partido Comunista Brasileiro (PCB) - é responsável por todo o aparelho de impressão.

.....  
-1936: preso, brutalmente espancado, nada revela - um ano depois é amnestiado.

.....  
-1937: passa a dirigir o Comité Estadual do Partido em S. Paulo, fortalecendo os laços entre a organização e as massas e agindo no interior dos sindicatos governamentais.

.....  
-1939: novamente preso vem a ser transferido para a ilha de Noronha, onde inicia um importante trabalho político entre cerca de 3000 presos;

.....  
-1945: é libertado em 1945, após a vitória contra o nazismo na 2ª Guerra Mundial.

.....  
-1946: é eleito deputado federal pelo P.C.B. no estado da Baía - destaca-se na luta contra o incremento da penetração imperialista no Brasil e a hipocrisia da legalidade burguesa.

.....  
-1949: processo de ilegalização do Partido. Marighela entra na clandestinidade.

-1952: é eleito membro da Comissão Executiva do Comité Central; afirma-se defensor de formas de luta mais directas e eficazes.

.....  
-1963: tendo acompanhado o processo revolucionário cubano participa na organização do Congresso Continental de Solidariedade com a Revolução Cubana, em Niterói capital do Estado do Rio de Janeiro.

.....  
-1967: culminando as conclusões que o levavam a decidir-se resolutamente pelo caminho da luta armada, abandona a direcção do PCB. "A minha disposição - disse - é lutar revolucionariamente junto das massas e jamais ficar à espera do jogo político burocrático e convencional que impera na liderança". Preside a delegação brasileira à O.L.A.S., em Havana. Aí define claramente a orientação da esquerda revolucionária brasileira: "Nenhuma vanguarda pode pretender-se como tal se não for capaz de combinar todas as formas de luta e de conduzir o povo à tomada do poder se não estiver preparada para isso, nem tiver preparado o povo por meio da luta armada. Os que pretendem subtrair-se a este dever sobre pretexto do falso dilema entre a luta política serão ignorados pelo povo e condenados pela História.

.....  
-1968: Desenvolve acções de guerrilha que irão ser consolidadas com a criação da A.L.N., organização com 3 frentes: Frente de Massas (fábricas, bairros, escolas, fazendas) Frente de Sustentação (logística) e Frente Guerrilheira.

.....  
-1969: A 4 de Novembro, em consequência de uma denúncia, é assassinado. Pouco antes afirmara: "A Revolução não depende de pessoas, mas é, sim, uma questão do povo e da sua vanguarda. A parte que me coube foi dar o início".



INTERVENÇÃO DA DELEGAÇÃO DO BRASIL DIRIGIDA POR  
CARLOS MARIGHELLA À 1ª CONFERÊNCIA  
DA O.L.A.S.

Havana, Agosto de 1967

O aparecimento de uma vanguarda que reuniu de uma forma admirável as experiências específicas havidas em Cuba e a arma da teoria revolucionária, enriqueceu a experiência do movimento revolucionário mundial e ofereceu novos instrumentos de análise à luta de classes da época imperialista.

Saudamos os camaradas da Bolívia, da Colômbia, da Guatemala, e da Venezuela que neste momento contribuem através das formas mais avançadas de luta, para a libertação do nosso Continente.

A delegação brasileira representa um povo cuja luta seguiu também essa via. Em Palmares teve lugar a maior revolta de escravos vindos de África.

No Nordeste do nosso país uma guerra de guerrilha conduzida contra a dominação holandesa marcou o início da nacionalidade brasileira contra a dominação holandesa. No começo deste século, em Conudós, os corajosos camponeses do sertão infligiram duras derrotas ao exército que defendia os grandes latifundiários. Duas lutas armadas anti-imperialistas foram travadas na guerra do Contestado e na luta contra a entrega do Acre aos americanos. Em Santa Catarina, no sul do país, os camponeses infligiram derrotas severas ao exército que defendia os interesses das empresas imperialistas americanas.

Estas lutas foram seguidas por um período relativamente longo, durante o qual a luta de massas foi desviada da sua marcha histórica pela inexistência de uma vanguarda revolucionária capaz de conduzir o povo à luta armada pela tomada do poder.

Este período foi encerrado pelo golpe imperialista do 1º de Abril de 1964 não constituiu mais do que uma sucessão de traições aos interesses do nosso povo. A tese da via pacífica da revolução brasileira e o abandono da luta de classes em nome do nacionalismo burguês colocaram o movimento de massas a reboque dos sectores mais fracos da burguesia. Bem antes dos seus dirigentes, as massas populares, os operários e camponeses brasileiros, os marinheiros e soldados, os estudantes, compreenderam de que lado se encontravam os seus verdadeiros interesses. Primeiro, pela radicalização da luta nos momentos críticos de 1964. Em seguida, pelas manifestações contra a ditadura militar pró-imperialista, manifestações que continuam a ter lugar não obstante a repressão. O nos-

ABM



so povo recusou-se a apoiar a farsa eleitoral de 1965: num total de 20 milhões de eleitores inscritos, 8 milhões votaram branco, anularam o seu voto, ou escreveram palavras de ordem revolucionárias manifestando assim a sua condenação. Este facto representou uma derrota para a ditadura, e o desmascaramento dos oportunistas e dos pseudo-revolucionários que tendo participado nas eleições, foram vencidos.

Destas novas condições de luta surgiu a necessidade imperiosa de uma vanguarda que esteja à altura do momento e digna de dirigir as massas. Lénine afirmava que nos momentos em que a realidade impõe novas tarefas surgem novas forças capazes de as cumprir. Definir estas forças, é interrogar a realidade sobre a natureza das tarefas actuais.

Estamos conscientes que no Brasil, como em toda a nossa América, a tarefa fundamental consiste em combinar as lutas de massas contra o imperialismo, e levar estas lutas ao nível mais avançado. Nenhuma vanguarda pode ter a pretensão de oser se não for capaz de combinar todas as formas de luta e de conduzir o povo à tomada do poder. Nenhuma vanguarda pode ter a pretensão de o ser se para tal não está preparada nem preparou o povo por meio da luta armada. Os que pretendem fugir a este dever com o pretexto do falso dilema entre a luta política e a luta armada serão ignorados pelo povo e condenados pela história. A experiência revolucionária mundial mostra com precisão a unidade entre a luta política de massas e a luta armada.

Ninguém põe em dúvida a importância que tem para a revolução brasileira a luta armada que começará no campo; que somente lá se encontram as condições para a manter; da mesma forma que ninguém ignora que nos momentos decisivos, as cidades definirão completamente o destino da revolução. Não apenas devido à importância fundamental do sistema industrial urbano na economia brasileira; não apenas devido à importância numérica do proletariado; mas, principalmente, devido ao papel reservado à classe operária enquanto cabeça da revolução brasileira.

A vanguarda actual organiza as massas num vasto movimento revolucionário. É a prática que mostrará se somos capazes de fazer a revolução interpretando as experiências correctamente à luz da teoria revolucionária, sem a qual não pode haver nenhum movimento revolucionário.

Partindo desta convicção, colocamo-nos no terreno internacional, solidarizamos-nos com todos os povos que lutam contra o imperialismo. A melhor forma de manifestar a nossa solidariedade é desenvolver todos os nossos esforços para a destruição do imperialismo americano e das suas bases de domínio. "A melhor forma de solidariedade, é a própria luta" disse o Comandante Turcios Lima; assim o compreendeu o Comandante padre Camilo Torres, e assim o compreende hoje a vanguarda revolucionária da nossa América. A solidariedade na luta e para a luta. Neste domínio já avançámos um pouco ao manifestarmos amplamente a nossa solidariedade pa



ra com a revolução cubana.

Mas não se pode esquecer que o poder revolucionário em Cuba resultou de uma luta de guerrilhas e não se pode separar a solidariedade com a revolução cubana dos movimentos de luta armada para a libertação dos nossos povos. Não é verdade que 'e antes da tomada do poder, em plena luta de guerrilhas, que os revolucionários têm maior necessidade de solidariedade? É a posição tomada face a esta luta revolucionária que mostra a verdadeira solidariedade com os povos do continente.

Consideramos como incompatível com a solidariedade revolucionária que países que dizem apoiar as lutas de libertação nacional, tenham já fornecido crédito que atingem a soma de quase 200 milhões de dólares à ditadura militar pró-imperialista que oprime o povo brasileiro, ou que outros colaborem activamente nos planos de dominação ideológica do nosso país. O inimigo principal é já conhecido. Face ao imperialismo só podem ser tomadas duas posições:

- a dos nossos caros irmãos do Vietnam, de Cuba e de todos os povos que lutam activamente contra o imperialismo;
- e por outro lado a posição dos opressores, dos seus aliados e dos seus cúmplices.



4

CARTA AOS REVOLUCIONÁRIOS EUROPEUS

"NÃO, VEMOS NENHUMA SEPARAÇÃO ENTRE A VOSSA LUTA E A NOSSA LUTA"

Aos revolucionários e aos combatentes antifascistas europeus. Caros camaradas:

Começaram há já algum tempo contactos entre camaradas revolucionários brasileiros e vocês e, desse modo, já se conhece na Europa a dificuldade que temos encontrado na tarefa de fazer avançar a revolução no Brasil.

Os camaradas que se encontram na Europa e que discutem convosco os problemas da nossa revolução, são camaradas autorizados e representam, perante vós, a nossa organização: a ACÇÃO LIBERTADORA NACIONAL.

A luta que travamos no Brasil é uma luta de libertação nacional, uma luta contra a classe dominante brasileira. É uma luta contra a actual ditadura militar fascista e, nesse sentido é uma luta anti-fascista. É também uma luta anticapitalista porque é dirigida contra os grandes capitalistas nacionais associados ao capital estrangeiro. É uma luta pelo socialismo porque tem como objectivo liquidar as classes que sustentam a actual estrutura económica

e liquidar o domínio dos grandes capitalistas e dos latifundiários.

Estas classes representam um obstáculo da maior importância para o caminho para o socialismo, e são a base interna do imperialismo norte-americano e do capital estrangeiro no nosso país.

A estratégia da Acção Libertadora Nacional é a seguinte:

1. O nosso inimigo principal é o imperialismo norte-americano. A nossa luta é anti-oligárquica e de libertação nacional. Dada a natureza desta luta, o nosso objectivo é a transformação radical da estrutura de classes da sociedade brasileira.
2. Lutamos pela conquista do poder e pela destruição do aparelho burocrático militar do estado brasileiro, e a sua substituição pelo povo em armas. O nosso objectivo principal é a instauração de um governo popular e revolucionário.
3. O nosso programa é a expulsão dos norte-americanos do nosso país, a expropriação das empresas de capital privado nacional que colaboram com o capital estrangeiro, a expropriação da propriedade latifundiária, que hoje está na sua maior parte, nas mãos dos norte-americanos, e a realização da revolução agrária até às suas últimas consequências, pela libertação dos camponeses.

É também retirar o Brasil da condição de satélite da política externa dos Estados Unidos para alcançar uma situação de independência face à política dos blocos militares, mantendo uma política externa de apoio activo aos povos subdesenvolvidos na luta contra o colonialismo.

4. O nosso meio de luta é a guerra revolucionária que já iniciamos no nosso país sob a forma de guerrilha urbana. Com a expropriação dos bens dos grandes capitalistas nacionais, dos latifundiários e dos imperialistas americanos, com a sabotagem e a execução de espiões da CIA, como o capitão Chandler, instrutor de contra-guerrilha no Vietnã e no Brasil, com a apropriação de armas e explosivos, com os danos infligidos às instalações militares e aos arsenais dos gorilas brasileiros.

5. A nossa actual etapa consiste em passar da zona urbana à luta armada no meio rural







Tais condições concretizam-se, em última análise, em partidos e agrupamentos políticos que reflectem nos seus propósitos e actividades os anseios materiais, as aspirações e necessidades das classes em luta.

Cabe aos partidos agrupamentos e organizações políticas conduzir as classes ou algumas classes que se oponham. E conduzir tais classes à vitória sobre os opressores é uma questão de adquirir consciência revolucionária e elevá-la cada vez mais.

A consciência revolucionária, porém, não se adquire espontaneamente. Na dialéctica marxista, quando se trata do fenómeno social, um processo de desenvolvimento nunca se efectua por via espontânea. A luta ( não espontânea ) é um factor imprescindível e fundamental para que o processo de desenvolvimento vá até às últimas consequências. Partidos e organizações políticas que não passem à luta não conseguirão criar a consciência capaz de levar à revolução.

Os que se detêm a discutir sobre a falta de condições subjectivas e, por isso, a vergar a luta armada são espontaneístas, negam, na verdade, a filosofia marxista. Ou caem no dogmatismo e também no campo da metafísica, como sucede com muitos revolucionários e pseudo-revolucionários que têm o costume de citar a fórmula clássica de Lenine. Quem quer que analise, segundo a concepção filosófica materialista, o que Lenine afirmou sobre as condições para o desencadear da revolução e da luta armada, verá que não se trata de nenhum dogma. Pelo contrário, Lenine encontrou uma explicação filosófica acertada, segundo a dialéctica marxista, para o fenómeno da revolução que dirigiu vitoriosamente, e que deu lugar ao aparecimento do primeiro estado socialista.

Para Lenine, a condição sine qua non da sua fórmula clássica é a luta. Sem luta nunca haverá condições subjectivas, pois muitas vezes estamos perante momentos decisivos, e a revolução não é desencadeada por falta de consciência revolucionária, resultante de um longo período de inactividade, de ilusões de classe, de pacifismo e de falta de vontade de lutar.

Os revolucionários modernos encontraram na América Latina a justa interpretação da relação entre as condições subjectivas e objectivas, desencadeando a revolução cubana e tornando-a vitoriosa. Isto foi feito dentro da justa concepção leninista de lutar para criar a consciência revolucionária e, com ela, as condições subjectivas da revolução sem esperar pelo aparecimento espontâneo do momento decisivo.

Cabe a Fidel de Castro, à cabeça da revolução cubana, o mérito da aplicação correcta do conceito leninista às condições de Cuba e da América Latina.

Se aplicarmos correctamente a mesma concepção às particularidades da realidade brasileira, veremos que no Brasil também há condições subjectivas para a luta armada.

Afastei-me da comissão executiva do Partido Comunista Brasileiro devido às profundas contradições políticas e ideológicas que nos separam.

Na minha carta de demissão fundamentei amplamente os motivos que me levaram a uma atitude de rompimento público.

Observei no órgão dirigente do P.C.B. que ele não está preparado para afrontar a luta mas apenas é capaz de publicar declarações políticas. A sua concepção de direcção é burocrática e não corresponde à época actual da América Latina e do mundo.

A época actual é de guerras de libertação, ou seja, de organização da guerra justa e necessária contra o imperialismo norte-americano. As propostas, o método e a maneira de ser da comissão executiva situam-na numa época ultrapassada, isto é, na época das revoluções liberais.

Para a comissão executiva, a burguesia é a força dirigente da revolução brasileira e por isso apoia dirigentes burgueses e partidos políticos da burguesia que nada têm que ver com as profundas transformações exigidas pela actual sociedade brasileira. O campesinato deixa assim de ser considerado o aliado fundamental do proletariado que é, na verdade, a força dirigente da revolução. Nessas condições, os comunistas passam a ser uma espécie de "força auxiliar" da burguesia.

A minha separação da comissão executiva processou-se através de uma série de atitudes e posições a partir de determinados momentos. Primeiro rompi ideologicamente numa conferência nacional do partido, em 1962, quando critiquei a direcção individual e os falsos métodos de direcção que comprometem o método marxista-leninista. Depois comecei a luta ideológica dentro do partido, ou seja, a luta de ideias, e publiquei livros e artigos sem consentimento da direcção analisando os problemas teóricos e tácticos em discussão. Publiquei-os sem autorização, porque se os tivesse submetido à apreciação



7

da comissão executiva, não teriam permitido a sua publicação. Esses livros e artigos estão agora proibidos pela direcção.

Através da resistência à prisão tornei públicas as diferenças políticas e ideológicas entre as nossas posições. Além da demissão pública da Comissão executiva, por meio de carta, aceitei o convite da O.L.A.S. e vim a Cuba sem consentimento da direcção, definindo a minha posição de apoio à estratégia global de luta contra o imperialismo dos Estados Unidos, de solidariedade com a revolução cubana e de apoio ao começo da luta de guerrilhas no Brasil. Esta é a única maneira de actuar perante uma direcção que não modifica nada mesmo quando a situação é totalmente diferente, como agora.

3. Antes do golpe militar de Abril de 1964 a linha de acção traçada pela direcção do P.C.B. era de apoio à luta pelas reformas básicas, através da expansão do movimento de massas e da aliança com a burguesia. Depois do golpe militar, a linha de acção do P.C.B. foi proposta no documento intitulado "Teses", de Junho de 1966, para ser discutido por todo o partido. A linha de acção formulada nesse documento não é diferente, no fundamental, da táctica e estratégia anteriores, pois preconiza uma via para desencadear o movimento de massas para a instauração de um governo que restitua as liberdades democráticas. O papel dirigente da burguesia na revolução brasileira continua a ser reconhecido nesse documento, que, igualmente, não aceita como solução para os problemas do povo brasileiro o caminho da luta de guerrilhas.

4. Várias organizações de esquerda no Brasil, na sua maioria tentam desenvolver a luta contra a ditadura militar e a conquista do poder pela violência. Entre essas organizações e correntes estão os partidários de Miguel Arrais, ex-governador de Pernambuco, cuja influência é predominante no Nordeste; os partidários de Leonel Brigolla, ex-governador do Rio Grande do Sul, cuja influência é mais acentuada no extremo sul do país; a Acção Popular (A.P.) da esquerda católica, com influência entre os estudantes; a POLOP (Política Operária) também influente entre os estudantes (ainda que menor que a A.P.); os comunistas influentes entre os operários e vários estratos sociais da população do país.

Há uma divergência ideológica entre os comunistas, uns admitindo a direcção da burguesia na revolução, outros condenando esta tese. Os primeiros não aceitam a ideia da luta armada. Os outros preconizam-na como solução necessária e inevitável para os problemas do povo brasileiro. Os comunistas de S. Paulo, Rio Grande do Sul e Rio São, na sua maioria, favoráveis à luta armada.

No Estado de Guanabara há uma forte oposição de uma parte substancial dos comunistas contra a actual direcção oportunista e revisionista estatal, que é ultra-direitista e propõe a colaboração directa da burguesia e a derrota pacífica da ditadura.

Isto no que se refere ao PC brasileiro. No que toca ao PC do Brasil este é insignificante, adoptou a linha chinesa e cortou relações com a revolução cubana e com o seu dirigente, Fidel de Castro.

No Brasil só a luta armada, com a luta de guerrilhas, como sua melhor expressão, pode levar à unidade as forças revolucionárias tendo em conta que a guerrilha é, em última análise a própria vanguarda revolucionária.

5. O movimento da serra de Caparaó foi uma tentativa de patriotas dispostos a travar combate contra a ditadura militar no Brasil. Tratava-se de uma base guerrilheira que não chegou a entrar em acção pois foi descoberta pela polícia e esmagada pelo exército.

6. São divergências secundárias. Lacerda foi um dos autores do golpe militar de 1964 mas não chegou a ser nomeado para um cargo importante no Governo. Com o fim do seu mandato de governador de Guanabara (cidade-estado) perdeu a vigência política e a chefia partidária. Daí o seu esforço para fundar a Frente Ampla manobra para a qual procura arrastar os outros sectores comunistas dominados pelo oportunismo e pelo revisionismo.



Os comunistas contrários ao revisionismo e ao oportunismo opõem-se a Lacerda que deseja encontrar uma nova forma de colaboração com o imperialismo dos Estados Unidos, e, dessa maneira, projectar-se, uma vez mais, na política, voltando ao Governo.

É só por palavras que Lacerda se afirma contra os militares. O seu verdadeiro objectivo—como ele já o disse—é salvar as forças militares em conjunto e defender o regime contra os comunistas.

7. As forças militares brasileiras são o principal apoio da estratégia imperialista dos Estados Unidos na América do Sul. Com cerca de 300 000 homens, essas forças militares estão sendo preparadas para apoiar as guerras dos Estados Unidos, como o envio de tropas para qualquer país agredido pelo imperialismo americano, e para combater as guerrilhas e a guerra revolucionária em qualquer parte.

Em vez de serem forças democráticas, como erròneamente se afirmou no Brasil, durante muitos anos, essas forças militares continuam hoje o coração da reacção no país, são a garantia armada do actual regime ditatorial e representam uma ameaça para o movimento de libertação dos demais países da América Latina.

Nota: Como o leitor deduz aqui apenas se reproduzem as respostas do camarada Carlos Marighella. Foi-nos impossível encontrar a lista das perguntas. No entanto as respostas explicitam suficientemente o sentido das perguntas postas ao entrevistado.

N.R.

J.S.— JUVENTUDE SOCIALISTA ( Núcleo do Porto)

L.U.A.R.— LIGA DE UNIÃO E DE ACÇÃO REVOLUCIONÁRIA

M.E.S.— MOVIMENTO DE ESQUERDA SOCIALISTA

NOVEMBRO/74

Preço - 2\$50

ABM

ARQUIVO REGIONAL E  
BIBLIOTECA PÚBLICA DA MADEIRA